

ENSAIO

Projeto leva fotografia a hospitais

ONG empresta câmeras para pacientes e funcionários; ideia é registrar o tempo que eles passam juntos

Fabiane Leite

Pode parecer impróprio levar uma câmera fotográfica para dentro de uma enfermaria de doenças cardíacas ou de crianças doentes. Em geral, ninguém gosta de lembrar dos dias difíceis de internação. Mas um projeto de uma ONG de São Paulo mostrou que pacientes e funcionários se sentem bem ao retratarem as horas que passam juntos.

Desde 2006 a Imagem Mágica faz oficinas em hospitais, onde distribui câmeras digitais a pacientes e profissionais de saúde para que mostrem seu olhar sobre o cuidado da saúde. O trabalho é uma extensão do esforço de documentação fotográfica da saúde no País do fundador da ONG, o fotógrafo André François.

Já receberam as oficinas do projeto Humanizando Relações 39 hospitais de 20 Estados; 15 mil participantes produziram 20 mil imagens. Só no Hospital São Paulo, onde o projeto esteve entre outubro e dezembro, foram feitas 774 fotos.

“A ideia é as pessoas usarem a fotografia como ferramenta do olhar”, afirma a psicóloga Paula Coube, coordenadora do projeto, que tem patrocínio de um laboratório farmacêutico. Os pacientes respondem com fotos à pergunta: “O que é importante, o que ajuda?”

Uma criança fotografou os próprios brinquedos, outra, a sua caixa de remédios ao lado do leito. Depois, quem quer e pode faz a legenda. A menina da caixinha de remédios, Ana Paula, anotou, por exemplo, que os medicamentos a ajudavam a ficar longe do hospital.

Oficinas já foram realizadas em 39 hospitais de 20 Estados

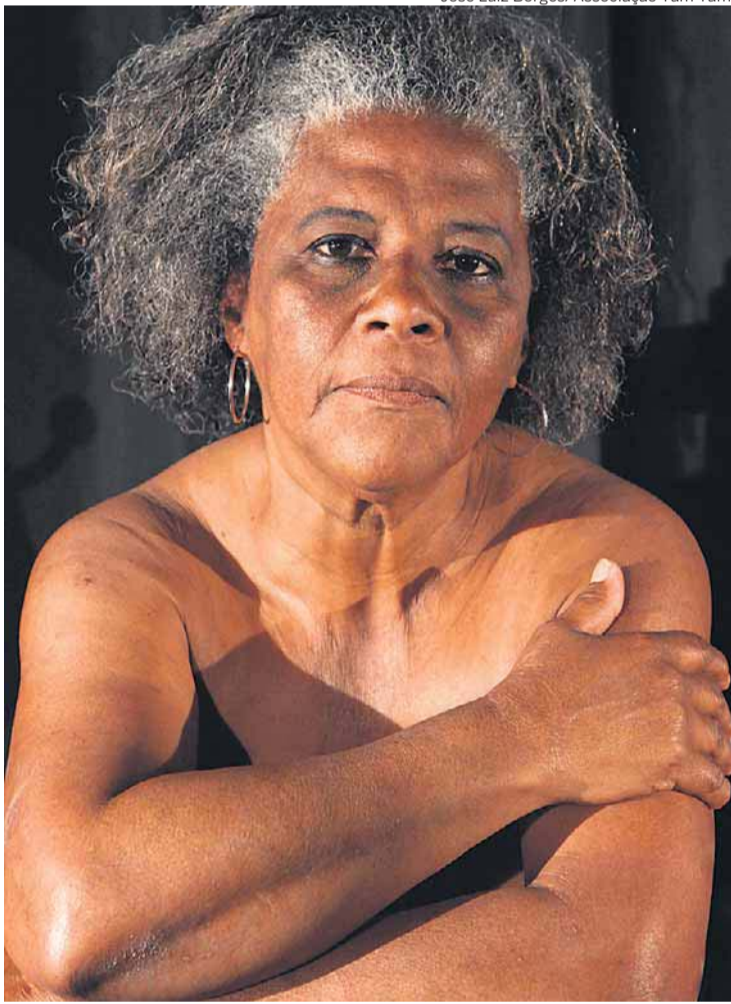
Já uma estudante de enfermagem preferiu fotografar o menino que se restabelecia e anotou na legenda: Moisés vitorioso. A enfermeira Joseneide Alves, de 25 anos, gostou de registrar as mães com o bebês recém-nascidos. “É a aproximação, o companheirismo.”

Na classe hospitalar, onde estudam as crianças convalescentes, a professora Ana Paula Salgado, de 41 anos, diz que a chegada do equipamento fotográfico foi mágica. “A câmera fez os alunos olharem mais uns para os outros, pararem para pensar, centrar. E virou um instrumento de cobiça.”

Três dias depois de dar à luz, a dona de casa Edna Nogueira da Silva, gestante de risco, foi convidada a participar. Registrou a médica que a acompanhou. A equipe, por sua vez, fotografou a recém-nascida



NA ENFERMARIA - Imagem de paciente feita pela estudante de enfermagem Daniela Daniele (à esq.) durante projeto no Hospital São Paulo



NATURALIDADE - Elisabet, de 59 anos, fotografou para calendário



MEMÓRIA - A paciente Ana quis imagem da professora Ana Paula

FRASE

Paula Coube Coordenadora do projeto Humanizando Relações

“Cada um usa a foto para o que considera mais importante, o que faz a diferença. No início, achávamos que dentro do hospital ninguém gostaria. Mas, na verdade, as pessoas querem mostrar os vínculos formados, principalmente com as pessoas que cuidam”

Tauanny. “É lembrança para toda a vida”, diz Edna.

“Cada um usa a foto para o que considera mais importante, o que faz a diferença. No início, achávamos que dentro do hospital ninguém gostaria. Mas, na verdade, as pessoas querem mostrar os vínculos formados, principalmente com as pessoas que cuidam”, afirma Paula. A equipe da ONG fica cerca de duas semanas em cada setor do hospital. Há também sessões de análise das fotos. ●

Em calendário, ONG mostra belezas e diferenças

“Eu sou assim! E aí, beleza?” É dessa forma que se apresentam os garotos e garotas, homens e mulheres do calendário da ONG Associação Projeto Tam Tam, de Santos, São Paulo, que nos últimos meses passou a fotografar voluntariamente – e ainda sem patrocínio – todas as pessoas que queriam registrar suas diferenças e belezas. Uma senhora que avizinha os 100 anos de idade. Uma mãe de família que mora em uma área pobre da cidade. Uma modelo. Um travesti. Um homem que tem uma perna mecânica.

O objetivo, diz a entidade, é “desmontar o olho treinado que faz com enxerguemos somente por um prisma”. Um estúdio isolado, roupas, adereços, maquiagem. Tudo é colocado à disposição do modelo. Mas há quem tenha preferido fazer a foto sem roupa. Ou invertido a lógica (do senso comum), como fez o travesti, que decidiu sair de terno.

Segundo o arte-educador e artista plástico Renato Di Renzo, responsável pela ONG, o projeto começou na moda, lavando, estilizando e adaptando roupas recebidas pela organização, valorizando o que seria vestido pelos usuários. Seguiu com um desfile das melhores peças – “uma passarela das crises, das dores, uma passarela de todos”, define Renzo – e depois com o calendário. A ideia surgiu quando o artista plástico viu uma pessoa com deficiência clamando por ser vista não como “portadora” de doença.

Há 20 anos o artista plástico atua em intervenções artísticas na área social, a mais célebre a desativação da Casa de Saúde Anchieta, hospital psiquiátrico fechado pelas más condições de atendimento, de onde surgiu a célebre Rádio TamTam, tocada por pessoas com doenças mentais.

Olhar firme, cabelos soltos sem pintar, ombros à mostra, Elisabet Soares Custódio, de 59 anos, foi a garota do calendário por um dia. Moradora de uma área pobre da cidade e participante das oficinas de teatro e dos desfiles, surpreendeu-se com o convite. “Nunca fiz foto assim. No início fiquei travada, depois relaxei, foi como entrar em um parque infantil.” E por que gostou?, a reportagem pergunta. “Meu Deus, que presente fazer uma foto aos 59 anos! Me senti feliz. Não é uma 3x4 de RG. E todos me diziam: você está linda! Tem certa época da vida que ninguém fala nada, então foi muito bom.” F.L. ●

Entrevista

Brian Fox: diretor de Interpretação da Comissão Europeia

‘Línguas são pontes que aproximam as pessoas’

Quando um idioma some, diz ele, perde-se parte da civilização; cerca de 200 línguas são faladas por menos de dez pessoas

Simone Iwasso

De acordo com o *Atlas das Línguas do Mundo em Perigo de Desaparecer*, atualizado todos os anos pela Unesco, mais de um terço das 190 línguas faladas no Brasil estão em situação crítica de perigo de extinção. No mundo, a situação não é melhor: das mais de 6,5 mil línguas existentes, metade deve

ser extinta nos próximos anos – cerca de 200 delas, por exemplo, são faladas hoje por menos de dez pessoas. Nesse cenário, a educação tem papel essencial na difusão e propagação de línguas em vias de extinção, ajudando famílias de etnias minoritárias a entender a importância de ensinar sua língua materna aos filhos, avalia Brian Fox, diretor de Interpretação da Comissão Europeia, órgão da União Europeia responsável por implementar decisões, propor legislação e manter os tratados firmados entre os países.

Presidente do grupo de Treinamento do IAMLADP (International Annual Meeting on Language Arrangements, Documentation and Publications) e do Conselho Avaliativo do projeto Molan, dedicado a

incentivar o aprendizado de línguas na Europa, Fox esteve no Brasil em dezembro para participar de um debate sobre idiomas e diversidade cultural no Museu da Língua Portuguesa, promovido pela Fundação Roberto Marinho.

O que o mundo perde a cada vez que uma língua desaparece?

Línguas são um componente essencial da humanidade e da vida como a conhecemos. O surgimento das línguas permitiu ao homem desenvolver as sociedades nas quais vivemos hoje. É graças à linguagem que discutimos o presente, olhamos para o passado e projetamos o futuro, lidando com coisas não tangíveis. E cada língua faz isso de uma maneira. Então, quando uma língua desaparece, desaparece também

uma pequena parte de nossa diversidade cultural, de nossa civilização.

Como está a situação das línguas faladas por minorias étnicas no mundo?

Das 6.500 línguas faladas no planeta, estima-se que uma desapareça a cada duas semanas. Especialistas calculam que, até o fim deste século, metade das línguas do mundo terá desaparecido. Muitas delas são faladas por pequenas comunidades isoladas, com pouco contato com o resto da sociedade. O Brasil tem dezenas de idiomas indígenas nessa situação. Em alguns, apenas cinco ou dez pessoas ainda falam o idioma.

O que pode ser feito para preservar a diversidade linguística?

Autoridades podem ajudar reconhecendo o valor único de cada idioma, tratando-o com respeito. A Unesco está desenvolvendo um trabalho nesse campo, ajudando e orientando governos locais, incluindo o Brasil. Se você entende a importância da biodiversidade, entenderá que a diversidade de línguas é seu equivalente na área cultural. O Brasil é um País que impressiona por sua diversidade musical, por exemplo. Na União Europeia, temos 23 línguas oficiais. É um direito básico respeitarmos a cultura e a identidade de cada país membro. E uma das maneiras de se fazer isso é pelo multilinguismo.

Qual é o papel da educação formal na preservação dos idiomas? Escolas e professores podem ajudar?

A educação nos ajuda a ver o mundo de maneira mais clara e, conseqüentemente, a contribuir para melhorá-lo. Acredito que escolas e professores podem ajudar fazendo a ponte entre os idiomas, o cotidiano e a cultura das crianças e jovens. Cada geração injeta uma vida nova nos idiomas. Quando uma criança envia uma mensagem de texto pelo celular a um amigo, ele inventa uma série de novos termos e palavras. É uma boa contribuição. Os idiomas precisam viver.

Então, escolas e professores têm um papel essencial na disseminação dos idiomas, inclusive ajudando famílias a transmitirem suas línguas maternas a seus filhos. Muitos deles, quando mudam de país ou se inserem em uma nova cultura, deixam de ensinar sua língua para o filho, por considerar que ela não terá utilidade. Muitos pensam a língua como barreira. Mas elas são, na verdade, pontes. Línguas aproximam as pessoas. ●